

Pinturas “quase rupestres” e monstros simpáticos

Joaquim Saial

Nos dias de hoje, vivemos com medo. Medo de vírus esquisitos, cada vez mais mortíferos e daqueles que no-los podem transmitir; medo da guerra longínqua, que apesar de remota nos afecta; e até medo dos exagerados aumentos do custo de vida que nos podem diminuir ou cortar o alimento. Pavores deste tipo ou semelhantes sempre têm acompanhado a humanidade. Contudo (valha-nos isso), talvez alguns tenham sido motores de progresso, devido á pesquisa ou esforços encetados para deles nos livramos. E se hoje, pelo menos no caso das epidemias, a ciência está mais preparada para lhes responder, alturas houve em que por falta de meios para as atacar populações inteiras eram dizimadas. A Idade Média foi fértil em grandes mortandades em que os que restavam, por desconhecerem a cura, se acolhiam na credence exacerbada ou na bruxaria, como meios hipotéticos de se furtarem à ceifa da morte. De modo que, para além de Deus e do Diabo, aos quais as culpas amiúde eram atribuídas, monstros semi-humanos e estranhíssimos e fabulosos animais foram sendo inventados e passados à literatura e às artes, também como sujeitos-autores das desgraças de que o Homem ia padecendo.

“*Animalium, vs Bestiário – Entre o Sagrado e o Profano*” se chama a presente exposição de Teresa Ribeiro, pretendendo-se colocar animais *contra* bestas. E assim sucede, embora não num sentido literal do *versus* (vs) latino de confronto físico, mas de oposição entre seres reais e imaginados, estes à boa maneira dos bestiários medievais – que na artista têm sedimentação antiga, desde a sua tese de mestrado em História da Arte, denominada “O Bestiário na Iluminura dos Manuscritos Românicos em Portugal” (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Nova de Lisboa, 2007).

Na realidade, e no seguimento do título que a designa, esta mostra apresenta-nos dois tipos de figurativo. *Animalium* remete-nos para muito atrás no tempo, para a época pré-histórica em que desenhar ou pintar imagens na rocha das cavernas tinha a ver, segundo alguns pensam, com o desejo de encontrar alimento, organizando-se aquilo a que se veio a chamar arte rupestre em torno de uma certa magia de transferência (se os pintar, o mamute e o veado hão-de aparecer e eu hei-de caçá-los). Contudo, Teresa Ribeiro permite-se descarnar desse motivo fantástico as imagens que nos oferece. Numa espécie de actualização de Lascaux e Altamira, ali estão os mesmos tons terra patentes nas grutas ancestrais (uma vez ou outra com afloramentos de azuis e brancos), semelhante disposição espacial das imagens de manadas compactas (por vezes tumultuosas) de cavalos e gado vacum ou matilhas de cães no espaço, mas nenhuma figura humana, nenhum arco ou flecha, nem marcas de mãos. Lembrando-nos de imediato da expressão rupestre, estas peças estão ainda assim num plano assaz superior, mais apurado, de arte contemporânea, feitos lampejos sem grandes retoques naturalistas, vagos, nalguns casos quase abstractos, de representação de bichos que

desconhecemos se serão silvestres ou domesticados, mas que não prevemos virem a ser “caçados”. Apenas natureza selvagem.

A parte do conjunto exibido designada por “Bestiário” possui cariz diferente. Aqui, observamos figuras cuja génese podemos com grande probabilidade de acerto remeter para os trágicos dias trilhados pela Humanidade que se sucederam a Dezembro de 2019, misturadas com registos anteriores, românicos e góticos e outros posteriores, provenientes do vasto “acervo” iconográfico de alguém que andou a mergulhar nessas águas por uma boa temporada e inevitavelmente os assimilou. Mesmo assim, são monstros simpáticos, quase amigáveis, que (a termos acertado na nossa suposição inicial) consubstanciam uma réstia de esperança de fim de maleita, de desfecho em data ainda desconhecida, mas que se quer mais ou menos próxima. Há mais cor, mas deixou praticamente de existir espaço livre, evidenciando-se uma espécie de *horror vacui*, em que as figuras se acumulam, olhando umas para as outras, desconfiadas ou irónicas. Olhamos para aqueles seres e eles não nos assustam como quase sucede quando contemplamos os de muitos capitéis de templos e outros edifícios anteriores ao Renascimento. Digamos que quase apetece entrar na roda em que eles circulam e tornarmo-nos um deles, já que afinal também temos as nossas monstruosidades maiores ou menores, das quais nos queremos libertar. É da condição humana... De tudo ali há, numa espécie de loucura boschiana: se por um lado subsistem mochos, aves, sapos, gatos e cavalos-marinhos quase “normais”, por outro vemos desusados bichos cornudos, cabeças voadoras, esqueletos de peixe, centauros, um gato e um veado tornados siameses, seres aparentemente humanos caricaturados, até um pensador sentado numa tartaruga, feito cismático... lento.

“Sagrado e profano” juntos e ao vivo estão pois neste notável acervo de realizações de Teresa Ribeiro, parte das quais produzidas em *ipad* (a série do “Bestiário”) e posterior impressão em jacto de tinta sobre papel laminado, em provas únicas de alta qualidade.